

## Velhice e conversão religiosa. Suas implicações para os estudos gerontológicos

*Old age and religious conversion. Its implications for gerontological studies*

Wilson Nunes  
Vicente Paulo Alves

**RESUMO:** O presente estudo objetivou examinar a interface entre conversão religiosa e velhice. Para isso, foi ouvida e analisada a opinião de seis pessoas que experimentaram a conversão religiosa após os sessenta anos de idade. Do escopo dos resultados encontrados, destaca-se o impacto das crenças religiosas como um campo de pesquisa de grande importância para a ciência gerontológica, ao contribuir para a promoção da qualidade de vida das pessoas idosas.

**Palavras-chave:** Envelhecimento; Conversão religiosa; Espiritualidade.

**ABSTRACT:** *This study had the purpose of examining the relationship between religious conversion and old age. With this research objective in view, six people older than sixty years of age, were interviewed and their religious conversion analyzed. Under this heading, the data showed the impact that religious beliefs can have on the lives of the elderly is a major field of research for the science of gerontology that can contribute to promoting a better quality of life for the elderly.*

**Keywords:** *Aging; Religious conversion; Spirituality.*

## **Introdução**

O presente estudo partiu do pressuposto de que não se pode conhecer o idoso sem conhecê-lo em sua complexidade e amplitude, e um dos aspectos que formam essa complexidade está relacionado à religiosidade. Nesta perspectiva, julgou-se que uma forma de estudar o comportamento religioso do idoso em relação à religiosidade seria observando-o na sua experiência de conversão religiosa.

A pesquisa objetivou saber qual o significado que esses idosos convertidos atribuem a essa experiência e quais as implicações desses achados para os estudos gerontológicos. Assinalando, pois, os sentidos subjetivos da conversão religiosa dada pelos entrevistados nesta pesquisa, e discutindo suas implicações para o estudo do envelhecimento, o presente trabalho julgou trazer à superfície um tópico relevante para a ciência gerontológica, mostrando que esta ciência poderia se dedicar ao estudo do domínio da religiosidade e, conseqüentemente, receber contribuições significativas para aprofundar sua temática, repercutindo, finalmente, em melhor qualidade de vida para a população idosa do país.

## **Abordagem Metodológica**

Para a realização desta pesquisa foram entrevistadas seis mulheres idosas, que admitiram vivenciar a experiência de mudança de fé após os 60 anos de idade. A seleção dessas pessoas foi feita no contexto das denominações cristãs de confissão evangélica, sendo duas das entrevistadas membros de Igrejas Pentecostais, e quatro membros de Igrejas do Protestantismo Histórico, na cidade de Anápolis, Estado de Goiás, Brasil. Considerando que o presente estudo teve, como seu objetivo principal, compreender quem é a pessoa idosa que passou pela experiência de conversão religiosa, e quais as implicações disso para os estudos gerontológicos, o intento não poderia ser o de "encaixar" essa pessoa em definições pré-determinadas, mas, ao contrário, compreendê-la na singularidade de convertida dentro de sua experiência única. Dada a natureza da investigação, uma importante questão se impunha: Que modelo ajudaria a compreender melhor o velho em sua singularidade de convertido, dentro de sua experiência única?

No tocante ao método adotado para este fim, julgou-se que a epistemologia qualitativa forneceria uma abordagem mais adequada ao fenômeno a ser examinado. Para Haguette (1992, p.63) "os métodos quantitativos supõem uma população de objetos comparáveis entre si, e os métodos qualitativos enfatizam as especificidades em termos de suas origens e razão de ser". Assim julgou-se reposicionar o presente estudo em seu correto percurso, adotando a epistemologia qualitativa ao recomendar uma abordagem simétrica e um instrumento de entrevista individual semi-estruturado como mais vantajosos para o propósito do estudo.

No que diz respeito à amostra, considerou-se como uma boa amostra aquela fonte que fosse capaz de ajudar a responder sobre o assunto proposto, que tivesse passado pela experiência de conversão religiosa após os sessenta anos de idade, e que, portanto, estivesse envolvida no assunto e tivesse disposição de falar. A escolha não foi aleatória, mas tomada do grupo de interesse, buscando-se casos típicos, adotando-se o critério não da quantidade mas o da qualidade das expressões e informações. Uma questão, entretanto, que historicamente tem desafiado pesquisadores da conversão religiosa é como objetivamente determinar se tal pessoa experimentou a conversão religiosa. É importante ressaltar que, embora caiba ao entrevistado esta definição, mesmo assim tal experiência implica numa identidade religiosa que se define por algum nível de compromisso com a nova religião. Valle (2002, p. 70), define:

[...] compromisso: é este momento da entrega ao grupo. É nele que se dá a ruptura com a vida anterior e o encaminhamento para uma opção nova de vida. O compromisso se estabelece em quatro níveis: no da aceitação de um sentido que corresponde às ideias e doutrinas do grupo; na necessidade de se sentir emocionalmente como membro do grupo; a necessidade de assumir os estilos de vida propugnados pelos valores adotados pelo grupo; a necessidade de acatar as lideranças e os papéis propostos pelo grupo.

A partir da definição exposta, estabeleceram-se, então, os seguintes critérios de inclusão dos participantes. a) Possuir idade igual ou superior a 60 anos; b) Admitir que experimentou uma mudança de fé religiosa após os 60 anos de idade; c) Ser batizado e membro ativo em uma igreja evangélica; d) Disponibilidade em participar, formalizada por meio do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE ( Anexo B).

Como critérios de exclusão, definiram-se: a) A recusa em participar da pesquisa; b) Não ser membro ativo de uma igreja evangélica; c) Limitações de comunicação verbal; d) Ter idade inferior a 60 anos de idade; e) Ter trocado de religião outras vezes antes dos 60 anos.

## Resultados e Discussão

Constou das peculiaridades dos participantes escolhidos, as seguintes características:

Tabela 1: Especificidades dos participantes

ENTREVISTADA	ESTADO CIVIL	IDADE	ESCOLARIDADE	RENDA MENSAL
01	Viúva	70	Médio completo	4 SM
02	Viúva	82	4ª série ensino fundamental	1,5SM
03	Casada	80	Não alfabetizada	1SM
04	Viúva	70	1º ensino médio	2SM
05	Viúva	73	Início ens. médio	2SM
06	Viúva	72	4ª série ens.fundamental	1SM

Nenhuma das participantes se encontrava em tratamento psicológico ou psiquiátrico, e todas gozavam de autonomia e independência; das 6 apenas uma ainda vive com o esposo; as outras cinco moram com seus familiares. Todas as entrevistadas passaram visões e relatos diversificados sobre o mesmo fato, porém, relatos bastante consistentes com o tema definido, o que possibilitou identificar a estrutura, ou seja, as representações compartilhadas socialmente sobre a interface velhice e conversão religiosa.

Dada a diversidade das experiências com as quais as entrevistadas chegaram à presente fé, foram quatro as categorias que puderam ser inferidas: os motivos da conversão religiosa percebido pelo grupo; os efeitos produzidos por esta experiência; o valor desse novo compromisso e sua relação com a nova comunidade de fé e; a perspectiva ou a forma dessa comunidade perceber a velhice. Estas quatro categorias, por conseguinte, são apresentadas a seguir.

### **A Mudança Religiosa na Velhice**

Para a Entrevistada 02, a religião parece ter sido percebida como um lugar de refúgio, de socorro e de acolhimento. Isto se pode ver, por contraste, em sua denúncia crítica dirigida a sua religião anterior, pela qual se sentia abandonada:

*"Eu estava com setenta anos e meu esposo ficou doente e eu fui pedir socorro numa Igreja Católica e o padre disse que vinha dar comunhão para ele, mas eu fui três vezes, três dias seguidos, e ele não veio".*

Para ela, sua antiga Igreja fracassara na missão de socorrer e acolher, enquanto uma outra a acolheu, de forma que pôde concluir com a expressão:

*"Sou de quem me quer."*

Isso pode indicar a importância da acolhida na configuração subjetiva da religião e pode estar relacionada com a causa motivadora de sua mudança para uma outra comunidade religiosa. De início, pode-se inferir que, no sentido subjetivo da religião, poderia estar a assistência e a acolhida nos tempos de sofrimento. Esta Entrevistada 02 admitiu:

*"E foi o princípio da minha conversão."*

A seguir, apareceram outros elementos que poderiam indicar a existência de uma relação da conversão religiosa com a doença, no caso, a doença do marido:

*"[...]ele estava mal."*

A mesma função da religião como lugar de socorro também foi percebida pela Entrevistada 01, cuja vida conjugal não estava indo bem. Ou seja, a aproximação dessa Entrevistada com o ambiente religioso foi também motivado por um evento de crise:

*"Foi depois do meu divórcio."*

E ela reconheceu que aquele ambiente lhe proporcionou o socorro procurado:

*"Eu senti ajuda."*

Ao considerar-se a fala da Entrevistada 03, pode-se verificar também os mesmos elementos, a relação entre conversão religiosa e eventos de crise. Esta Entrevistada iniciou seu relato, falando sobre um momento crítico que antecedeu sua ida para a Igreja:

*"[...]quando me deu minha primeira parada, e meu filho tinha ido embora para os Estados Unidos, e ele nunca tinha se separado de mim..."*

Então, qual seria o papel do estresse emocional na conversão de pessoas idosas? Pode-se exemplificar com o caso das Entrevistadas 01, 02 e 03, que estavam enfrentando diversas vicissitudes antes da conversão, e buscaram o apoio na religião.

Uma explicação para este padrão pode ser encontrada na Teoria *Life-span* desenvolvimentista, proposta por James Fowler, ao indicar a necessidade de crises ou estresse emocional, a fim de catalisar as mudanças na fé. Fowler (1992) notou que a transição entre os estágios da fé parece ocorrer após um período de estresse emocional ou de depressão. Segundo este autor, a conversão tem a ver com mudanças nesses conteúdos da fé. A conversão religiosa, segundo Fowler (1992, p. 231):

*[...] é uma recentralização significativa de nossas imagens de valor e poder anteriores, conscientes ou inconscientes, e a adoção consciente de um novo conjunto de estórias mestras no compromisso de remontar nossa vida, em uma nova comunidade de interpretação e ação.*

Os relatos das pessoas entrevistadas proporcionaram acesso ao que parece constituir alguns dos elementos centrais desse conteúdo de fé proposto por Fowler (1992), e pode-se perceber uma mudança significativa nesses conteúdos. Por exemplo, a Entrevistada 04 disse:

*“Eu era muito apegada a essas coisas [do mundo real]. Hoje, eu acho que isso tudo é ilusão.”*

Essa fala é emblemática, parecendo revelar o surgimento de uma nova perspectiva de fé e de uma nova percepção de realidade. Com base no modelo teórico de Fowler (1992), pode-se dizer, então, que ela fez uma recentralização de sua imagem de valor. O mesmo ocorre com a Entrevistada 01, quando perguntada sobre sua perspectiva acerca de Deus, ela disse:

*“Primeiro, a gente via Deus assim, Deus um ser bravo.”*

A Entrevistada 02, afirmou que:

*“Eu não esperava que Deus ia nos salvar de graça assim.”*

Para Fowler (1992), a conversão representa o tempo em que as pessoas desistiram de seus antigos centros de valor, admitiram o empobrecimento das imagens de poder nas quais se basearam, e tomaram uma decisão consciente de empreender uma remoldagem de sua vida, de acordo com uma nova estória-mestra. Em termos práticos, são aquelas coisas ou pessoas em relação às quais nossa vida tem valor e dão sentido à nossa vida. Por exemplo, para a Entrevistada 03, quando indagada sobre o que ela estava buscando, a fim de saber sobre o valor que lhe parecia central na vida, sua resposta foi categórica:

*“A Deus.”*

A Entrevistada 04 também quando indagada se a Igreja era importante para ela, respondeu:

*“[...]mas o importante mesmo é Deus.”*

A conversão ocorre precisamente sob o impacto da reivindicação de um novo centro de valor na vida da pessoa, no caso da conversão religiosa, Deus. O que ocorre é que a pessoa se torna consciente de centros de valor mais poderosos, anteriormente não reconhecidos.

À luz dessas definições, é apropriado pensar que poucas coisas podem ser mais importantes do que uma reflexão séria sobre como as pessoas formam e se comprometem com os seus conteúdos de fé. Elas são as entidades que determinarão o sucesso na vida, pois cada pessoa reage de uma maneira diferente às alterações do envelhecimento, e essa forma de reagir depende grandemente da filosofia de vida ou, seguindo Fowler (1992), dos centros de valor adotados pela pessoa. Por exemplo, a Entrevistada 03 ao falar das mudanças ocorridas após a conversão, relata a sua experiência de enfrentamento diante do episódio mais triste de sua vida, o suicídio de um dos seus filhos. Assim, ela narrou:

*“Foi triste demais, mas Deus me deu força. E Deus me fortaleceu, eu aguentei e estou aguentando até hoje. Porque não é fácil. Foi muito difícil para mim [...] Ele me fortalece muito, porque o que eu já passei, não era para eu estar aqui.”*

Já a Entrevistada 06, depois de referir-se também à morte de um filho, falou:

*“A gente sente mais força [...] A Igreja dá força pra gente [...] Porque se a gente não tiver força com Deus, a gente não vence.”*

A Entrevistada 01, que no momento presente vive em estado de apreensão por temer que terá de enfrentar sua pior dor, a possível morte de sua filha, expressou:

*“Você ver sua filha tão jovem, com essa doença que a gente sabe que o homem não cura...”*

Em seguida, ao falar sobre o que lhe dava ânimo naquele momento, expressou:

*“...as pregações [...] estou acompanhando um discipulado [...] tem uns versículos que ela tira, que dá força para gente. É a gente ter coragem de colocar na mente no lugar do pensamento ruim[...].”*



*Quando eu estou assim, com o pensamento vazio, eu começo a falar em voz alta. São palavras que dão coragem e dão força para gente[...]. E cura mesmo.”*

Para aquilatar esse poder estruturador da fé das pessoas e se perceber sua influência sobre a vida humana, Fowler (1992) propôs uma séria reflexão, considerando as seguintes questões: Como nossos centros de valor irão servir-nos no mundo em nossos próximos anos? Os nossos centros de valor irão se manter? Conferirão à nossa vida um senso de valor suficientemente resistente para compensar nosso estresse, nossa luta, nossa solidão e nossa dor? Os poderes aos quais nós estamos aderindo mostrar-se-ão suficientes? Será que o ter, o fazer, e o dirigir, nos sustentarão diante da morte, das traições, do envelhecimento, e da corrosiva banalidade do mal?

Neste ponto se fez apropriado indagar sobre o papel que o estresse, ou os eventos de crise, ocupam na conversão religiosa, pois nem todas as pesquisas têm encontrado um simples relacionamento de causa-efeito entre esses eventos e a conversão religiosa. Estudando pessoas idosas hospitalizadas que estavam encarando graves crises de saúde física e examinando se elas eram inclinadas a se tornarem mais religiosas, Koenig (1994, p. 430) relatou que: “A despeito do aumento da incapacidade física e, às vezes, longos tratamentos, não se observou um retorno em massa para a religião por parte daqueles que não tinham antes sido religiosos”. Este autor percebeu que a maioria continuava a lidar com as circunstâncias adversas da mesma maneira que sempre lidaram. Aqueles que tinham anteriormente retornado para a religião durante as crises tendiam a fazer o mesmo quando enfrentavam novos problemas de saúde. Mas aqueles que não se voltaram para a religião antes, não fizeram isso quando a saúde deles falhou na atualidade. O autor descobriu, ainda, dentre aqueles que relataram mudanças em seus sentimentos acerca da religião, apenas 15% atribuíram-nas aos eventos de crise. Também o estudo de Erikson (1995), sobre idosos que se converteram ao Catolicismo, não indicou que a tensão pessoal fosse a razão de pessoas idosas se tornarem Católicas. Parece, pois, que conversão religiosa entre pessoas idosas pode ser, às vezes, precipitada por estresse, mas que este não necessariamente produz conversão religiosa. Nesta perspectiva, os achados do presente estudo corroboram os achados de Erikson e de Koenig, de que nem sempre a conversão decorre de crise.

A Entrevistada 04, por exemplo, insistiu em dizer:

*“Eu fui por amor mesmo.”*

Perguntada, novamente, se na época ela não estaria passando por alguma crise, buscando uma solução para algum problema, ela reiterou:

*“Não. Foi por amor mesmo.”*

Por sua vez, a Entrevistada 05 contou que um dos seus filhos converteu-se e que ele sempre a convidava:

*“[...] mãe, vamos para Jesus, vamos para Jesus.”*

No entanto, parece que o que tornava a nova religião atraente para ela era o testemunho de vida do seu filho, o que a fez comentar:

*“Mas aí eu vendo o que ele fazia, o que a Igreja propunha para ele.”*

Mais adiante ela completou:

*“Eu via o jeito dele, as coisas que estavam acontecendo com ele.”*

Tal mudança chamou-lhe a atenção e fez com que ela aceitasse a leitura bíblica, as conversas sobre a nova fé e, finalmente, chegasse a se batizar. Ela revelou:

*“Eu achava muito bom, por causa daquela paz que ele tinha. Aquela paz que ele tinha com a família. Quando ele não era evangélico, ele era muito difícil. Ele me deu muito trabalho.”*

A Entrevistada 06 apresentou como motivo, para a sua mudança, a falta de companhia para ir à sua antiga Igreja:

*“Eu estava ficando doente sofrendo de labirintite e eu não podia ir para a minha Igreja. E as minhas meninas já iam nessa Igreja. Igreja quadrangular. Elas iam lá e eu as acompanhava [...] Sim, por causa da companhia. A companhia delas me animava.”*

No caso da Entrevistada 03, o que chamou a atenção na análise foram os desdobramentos que a narrativa foi apresentando pela densidade, ao narrar sua experiência de conversão. Neste caso, as construções que se seguiram, indicaram um sentido subjetivo de conversão religiosa fortemente associado ao sentimento de sagrado.

*"Mas antes de eu ir e me internar e de dar estas coisas, eu tinha muita vontade de ser evangélica, eu tinha um desejo tão grande de tomar a Ceia, que o senhor nem imagina. Tinha vontade demais."*

Neste ponto, a Entrevistada elevou o tom emocional ao citar a frase:

*"Tinha vontade demais."*

Pode-se considerar que sua conversão não se reduzia à simples busca de alívio para as perdas sofridas, nem mesmo à influência de amigos, vizinhos ou familiares. Esta fala colocou um quadro paradoxal sobre os motivos da conversão desta Entrevistada 03. Pois, de um lado, embora sua conversão sugerisse ser gerada por crises, conforme mencionado anteriormente, isto é, devido à viagem do filho, e a parada cardíaca sofrida, por outro lado, emergia um forte desejo, o desejo de participar da Santa Ceia. A partir dessas palavras, pode-se inferir a presença de um impulso que ia além de uma simples busca por encorajamento e consolo. Qual era o objeto desse seu desejo?

*"[...] um desejo tão grande de tomar a Ceia..."*

Que impulso seria esse? O que ela queria significar com isto? Não é muito fácil interpretar esse sentimento. Todavia, com relativa segurança, pode-se conjecturar que a pregação, os relacionamentos com os crentes e a música não estavam no centro de seus pensamentos. A coisa que mais lhe interessava e a atraía era a participação na Santa Ceia. Participação essa, a propósito, sobre a qual ela revelou grande temor e reverência, dizendo a sua amiga:

*"Não, eu não tenho coragem de tomar, sem batizar não."*

O que teria gerado tal sentimento? Talvez aqui coubesse a hipótese de que sua percepção subjetiva da religião, de fato, ia além de uma instituição puramente humana.

Estaria ela tendo um sentimento do sagrado? Segundo Mondin (1997, p.86):

Sagrado é uma categoria *sui generis*, que é completamente inacessível à compreensão conceitual, e que como tal constitui algo indefinível, inefável, exatamente como o "belo" no plano estético.

Sagrado é um daqueles conceitos autoevidentes, que não pode ser explicado, reportando-se a outras categorias. Nesse sentido, não pertence ao domínio "racional/irracional" mas ao domínio "suprarracional" e transcendental. Nesta perspectiva, o ato de fé poderia ser estendido para além de certas formulações doutrinárias, assumindo uma qualidade diferente. A fé como deslumbramento diante do majestoso, sendo uma experiência do ser em relação ao sagrado. Indagada, pois, acerca de seu desejo e sobre o que ela estava buscando, a resposta da Entrevistada 03 foi muito objetiva:

“A Deus.”

Quais são as implicações gerontológicas geradas por estas considerações iniciais? As mudanças ocorridas no conteúdo da fé de uma pessoa idosa, como analisadas neste estudo, revelaram um achado gerontológico importante. mostrando como pessoas idosas mantêm altas percepções de controle, apesar dos eventos negativos ou das situações que restringem a sua autonomia. O senso de controle parece ser intuitivo ao ser humano e ele não desaparece na velhice. Segundo Goldstein (2003, p. 56):

Estudos na área de psicologia mostram que o senso de controle é essencial para o bem-estar subjetivo dos indivíduos de todas as idades. A perda de controle está associada a problemas de autoestima, à redução do bem-estar e à depressão.

Por outro lado, ela acrescenta que, apesar dos estudos que enfatizam os efeitos positivos do aumento da percepção de controle, existem teorias e pesquisas sugerindo o inverso. Esta pesquisadora ressaltou alguns exemplos disso, referindo-se a certos casos nos quais o aumento no controle percebido levou a reações negativas, tais como: aumento no nível de estresse e piora no desempenho.

Para esta pesquisadora, pessoas com baixa percepção de controle também podem ter resultados positivos, por não se sentirem pressionadas para tomar decisões e fazerem com que alguém resolva os problemas por elas. Ela considera ainda que o valor que nossa sociedade dá ao controle primário, isto é, àquele dirigido ao problema, nos leva a ignorar a distinção entre “controlar as coisas”, ou seja, estar no controle, e “as coisas estarem sob controle”, pois outros podem estar no controle. O controle secundário é aquele esforço dirigido às mudanças nas emoções, sendo mais funcional quando a situação é avaliada como estando fora do controle pessoal. Nesse caso, a ideia de colocar o controle em uma divindade ou nas mãos de pessoas consideradas poderosas e benevolentes não parece prejudicar a percepção de controle. Segundo Goldstein (2003, p. 65) “As pesquisas sobre comportamentos de controle têm encontrado evidências sobre o aumento das estratégias de controle secundário no envelhecimento.” No caso dos entrevistados da presente pesquisa, as crenças religiosas foram usadas para lidar com acontecimentos sobre os quais eles julgavam não ter controle. A Entrevistada 01, por exemplo, quando perguntada se tinha medo do futuro, respondeu:

*“Hoje eu não tenho futuro. Eu só vivo o hoje.”*

Indagada, novamente, se com isso ela não estaria sem horizonte, ou achando que caminhava para o fim, ela explicou:

*“Não. É, porque é muito mais gostoso você viver cada dia, deixando Deus cuidar.”*

Foi perguntado também para a Entrevistada 03, por que ela ao olhar para o futuro se dizia tranquila e sentia-se segura. Ela respondeu:

*“É porque eu tenho Deus no meu coração. Eu tenho Jesus comigo. Eu sei que Deus não desampara ninguém.”*

O que ocorre é que, no ato de conversão religiosa, a pessoa idosa entrega o controle para Deus e coloca sua confiança nEle. Isso pode, então, aliviar o estresse de tentar controlar o incontrolável. Este é um mecanismo de efeito positivo para a saúde mental e parece responder, em parte, ao porquê da religiosidade aumentar o bem-estar da pessoa idosa.

Baltes, (2011) mostrou como os idosos manejam as limitações típicas do envelhecimento. Para isso, ele desenvolveu a teoria da Seleção, Otimização e Compensação, que aponta a possibilidade de desenvolver estratégias que conferem aos indivíduos idosos o suporte necessário para manejar as mudanças biológicas, psicológicas e sociais trazidas pelo envelhecimento. Neste caso, constatou-se que a atitude dos participantes deste estudo apoia esta teoria, ao buscar, no *coping* religioso, recurso para enfrentar os desafios que a velhice lhes impõe.

À luz dessa análise inicial, sem importar terem estes convertidos sido movidos por crises ou não, permanece o fato de que todos experimentaram uma profunda mudança em suas vidas, apoiando o paradigma *Life-span*, que considera o desenvolvimento como uma característica de todas as etapas da vida, inclusive da velhice. O estudo mostrou que pessoas idosas continuam inseridas num processo de desenvolvimento contínuo, permitindo experimentar mudanças significativas que podem afetar profundamente sua cosmovisão e, então, melhorar a qualidade de suas vidas. Ainda nesse contexto analítico, os dados também apoiaram os achados de outros estudos referidos por Goldstein (2003), os quais mostraram que as pessoas idosas preservam altas percepções de controle, e a estratégia de enfrentamento religioso colocando o controle nas mãos de Deus representou uma boa solução para este dilema.

O que ocorre com uma pessoa idosa que experimenta a conversão religiosa, e de que forma essa experiência impacta a sua vida? O próximo ponto discutirá este tópico da pesquisa.

### **O impacto da conversão religiosa na velhice**

A conversão religiosa é um dos mais profundos e impactantes fenômenos que podem acontecer na vida de uma pessoa. O indivíduo pode nunca mais ser o mesmo. Segundo Fowler (1992, p. 227) “[...] o centro ou centros afetivos de valor em nossa vida que têm valor divino para nós exercem uma poderosa estruturação sobre o nosso modo de ver e estar no mundo”. Um novo convertido religioso pode adotar radicalmente diferentes objetivos, ter diferentes motivos que ele ou ela não tinham antes, e pode adotar novos propósitos na vida e formar uma nova autodefinição acerca de quem ele ou ela é no mundo.

Como os participantes da pesquisa perceberam as mudanças resultantes da conversão religiosa? Um dos primeiros achados foi o quanto a religião remodelou a percepção psicológica deles. A Entrevistada 02 respondeu:

*“Mudou, porque eu não esperava que Deus ia nos salvar de graça assim. Porque Ele nos perdoa.”*

Estas palavras parecem representar um indicador sobre a mudança que tem caracterizado a vida desta Entrevistada, com implicações quanto à forma como ela passou a lidar com as suas culpas. Ela encontrou descanso na graça perdoadora de Deus. Esta mesma Entrevistada ainda contou:

*“O senhor vê, em janeiro eu quebrei a costela, em fevereiro eu quebrei o dedo da mão, em março eu tive aquele torcicolo que me torcia os braços todo, passei mal. Tudo eu falava: Senhor, obrigado pela correção.”*

Note-se também a mudança ocorrida na leitura que ela faz agora dos infortúnios da vida. Longe de interpretar o sofrimento como sinal de abandono, ela o revisou como uma correção de amor e como um momento em que Deus se revela mais presente a ela.

A Entrevistada 01 mostra que a imagem que tinha de Deus mudou:

*“A gente via a Deus assim, Deus um ser bravo.”*

Sua conversão à crença no Deus de amor e graça, por conseguinte, a fez experimentar a eliminação de alguns dos seus temores:

*“Tinha muito medo de morrer, medo de ficar só. Hoje eu me sinto bem, até arrependi de ter tido esses medos e deixado eles me dominarem[...].”*

Nesse trecho, apareceu mais um dos efeitos da conversão, ao proporcionar à pessoa, a sensação de segurança e paz. Neste caso, o sentido da morte é muito diferente do expresso por outras pessoas que têm padecido de desespero diante dessa experiência.

A Entrevistada 04 também fala de sua mudança:

*“Eu era muito apegada aos bens [...]. Eu falo que eu mudei demais, porque eu era muito apegada a essas coisas. Hoje, eu acho que isso tudo é ilusão.”*

Algumas das respondentes expressaram também mudança em termos de temperamento e de comportamento moral. A Entrevistada 02, em vez de cobrar e condenar a pessoa como fazia antes, agora diz:

*“[...] procuro orar por ela.”*

A Entrevistada 04 disse:

*“[...] eu virei outra pessoa [...] Meu temperamento era bravo, minha natureza era muito forte. Parece que eu amansei.”*

E a Entrevistada 05 falou:

*“Assim, eu fui indo, a minha vida foi mudando, fui largando as coisas, larguei de fumar.”*

Outra ordem de mudanças considerada bastante relevante foi o uso da estratégia do enfrentamento religioso para lidar com os desafios estressantes da vida. Nesta perspectiva, pôde-se constatar o quanto esta estratégia foi eficaz na vida dos respondentes. Por exemplo, a Entrevistada 01 que vive atualmente num estado de apreensão temendo perder uma de suas filhas pela doença disse o que estava lhe dando ânimo neste momento:

*“As pregações [...] são palavras que dão coragem e dão força para a gente [...] cura mesmo.”*

A Entrevistada 04, depois de falar de seu desejo de ser curada e após ser questionada sobre qual seria a sua reação caso Deus decidisse não curá-la, respondeu:

*“Eu vou carregar com amor, não vou revoltar, vou carregar com amor mesmo.”*

A Entrevistada 03 é outra que deixa transparecer em sua fala a eficácia do *coping* religioso. Ela perdera um de seus filhos por suicídio e contou:



*“[...] faz uns cinco anos que eu perdi um filho nesta casa, ele se suicidou. Foi triste demais. Mas Deus me deu muita força. E Deus me fortaleceu, eu aguentei e estou aguentando até hoje.”*

Também a Entrevistada 06, que passou por aflição semelhante perdendo um filho e um neto em acidentes, comentou:

*“Deus abençoa a gente, Ele ajuda. A gente, tendo fé, a gente vence. Esquecer a gente não esquece.”*

Como se pode notar, a vida pode colocar o velho em situações diante das quais ele não consegue ver saída. Tal pessoa precisa ser capacitada a transcender as circunstâncias. No caso dos participantes deste estudo, o  *coping*  religioso mostrou ser um meio eficaz para fazer isso. Pôde-se constatar nos depoimentos prestados o quanto a conversão religiosa e a prática da religião produziram um marcante efeito positivo na vida das entrevistadas. Sem esta fé, a Entrevistada 01 admitiu:

*“Eu estaria entupida de remédios.”*

Neste ponto, algumas considerações se fazem apropriadas. Segundo Koenig (1994), o estudo da conversão religiosa especialmente da conversão súbita, recebeu por parte de alguns médicos que tratam a saúde mental más impressões. Este autor argumenta que as opiniões têm mudado pouco desde 1924, quando Freud escreveu uma pequena peça sobre este tema, em que ele analisava a conversão de um médico que aconteceu num necrotério, quando viu o cadáver de uma idosa. Nos anos que se seguiram, embora houvesse menções sobre tipos positivos de conversão correlacionada com progresso ou maturidade, a associação com conflitos psicopatológicos continuou presente na visão entre os psiquiatras. Koenig (1994, pp. 422-423), no entanto, ressalta: “Muito desta literatura, todavia, é baseada em experiência clínica com pequeno número de pacientes mentalmente enfermos, não com indivíduos selecionados aleatoriamente da comunidade ou com aqueles sem desordem mental.” Por isso não surpreende que a conversão religiosa que aconteceu com pessoas com doença mental seja associada com sintomas de estresse emocional e conflito intrapsíquico.

Segundo Koenig (1994), existem problemas também com aqueles estudos que examinam novos convertidos a grupos ou seitas particulares: a falha de muitos destes estudos é a de não incluir um grupo de controle constituído de não convertidos da população geral. O autor comenta uma pesquisa que centralizou a importância de incluir tal grupo de controle. No seu estudo o pesquisador estudou 152 recém-convertidos ao Catolicismo Carismático, quando foram testadas três hipóteses com as quais os cientistas sociais explicam a conversão religiosa. A conversão, como uma solução de fantasia para uma situação de vida estressante; a conversão, como consequência da experiência de socialização na infância; e a conversão, como resultado da influência interpessoal. O pesquisador comparou a resposta dos convertidos com as de 158 não-convertidos do grupo de controle com *background* semelhante. No resultado apareceu que estresse e transtorno emocional eram comuns entre os convertidos religiosos, como foi também a da história de uma criação devotada, confirmando, então, a segunda hipótese. Todavia, quando examinou a prevalência destas características entre os não-convertidos do grupo de controle, elas foram praticamente as mesmas. De acordo com esta pesquisa o mais importante foi a influência interpessoal. Mas embora este estudo tenha lidado primariamente com jovens universitários, não se aplicando automaticamente às pessoas idosas, este estudo deixou firmado o ponto de que nem todas as conversões são somente consequência de conflitos intrapsíquicos, distúrbios emocionais, ou mesmo socialização religiosa na infância, mas em vez disso, muitas vezes resulta de influência de amigos, parentes e professores, muitos dos quais já eram convertidos.

A correlação entre influência interpessoal e conversão religiosa foi também um achado de nossa pesquisa. Conforme os relatos dos nossos entrevistados, a influência direta ou indireta de amigos e principalmente de familiares, se mostrou presente em todos os casos. Isto não significou, no entanto, que estas conversões aconteceram contra a vontade própria. No grupo entrevistado, não apareceu nenhum relato que remetesse a qualquer pressão em que a pessoa convertida pudesse ser vista como respondedor passivo diante da força de um processo de conversão. E, de igual modo, nenhuma referência negativa foi feita e nenhum arrependimento a respeito desta decisão foram mencionados. Segundo Koenig (1994), William James foi o primeiro a relatar os efeitos benéficos da conversão, notando que a experiência religiosa resultaria no aumento de bem-estar e felicidade.

## O idoso necessita da Religião

A Entrevistada 06, respondendo sobre a importância da Igreja para ela, deu a seguinte resposta:

*“Porque se a gente parar de ir para a Igreja, fica em casa pensando, desanimada. Mas se vai para a Igreja tenta esquecer, põe outras coisas na cabeça. Na Igreja, a gente sente força, eles oram lá, a gente fica com fé [...] Eu acho que sou bem-tratada. Lá todos me tratam bem, até as jovens. Porque jovens não importa com velhos. Outro dia, mesmo falei: Até a jovem lá, estava me chamando de bonita, ela nem me conhecia e veio e me abraçou, falou, a senhora é bonita. Eu falei, obrigado. Aí eu fiquei alegre, e comentei com as meninas, eu sou bem amada lá na Igreja.”*

Ainda, no tocante aos benefícios em manter-se ativo na comunidade religiosa. A Entrevistada 01 comentou:

*“Era uma turma bem unida, existia muito amor entre nós. Foi onde eu exercitei mais o meu dom.”*

Isto parece refletir mais um outro propósito da religião: o de proporcionar espaço para o serviço e o exercício dos talentos pessoais, fazendo a pessoa idosa sentir-se útil. A Entrevistada 04 indagada sobre o que mais a atraía à igreja, disse:

*“Era a palavra de Deus, eu gosto muito.”*

Provavelmente, isso mostra a necessidade por direção e sabedoria que ela estava procurando. A Entrevistada 05 falou dos benefícios da religião com as seguintes palavras:

*“Assim, eu fui indo, a minha vida foi mudando, fui largando as coisas, larguei de fumar.”*

Segundo Koenig, e Larson (1998) participar ativamente do grupo religioso não ajuda apenas a evitar ações não saudáveis, tais como a dependência de drogas ou o fumo, mas possibilita que as pessoas criem uma forte rede social de apoio para aconselhamento ou ajuda quando elas são confrontadas com eventos estressantes da vida.

### **A Religião necessita do idoso**

Parecem existir duas formas básicas, contrastantes, de encarar as pessoas idosas e, conseqüentemente, duas maneiras de se desenhar um serviço que inclua este grupo. De um lado, pode-se vê-las como sendo um “peso” e, de outro como um recurso inestimável. Tem sido comum a comunidade religiosa, e a sociedade em geral, enxergar os idosos e o envelhecimento como um problema a ser resolvido, ou como pessoas carentes que precisam de ajuda constante. Isso parece explicar porque, a despeito de sua boa saúde física e mental, o idoso, comumente, sente-se inadequado e inferior, simplesmente por ser velho. A Entrevistada 03 respondendo se era tratada igual aos outros, disse:

*“É isso aí, não deixa de ter. Eu não quero é falar, mas a gente sente isso tudo [...] O dia que o pastor quer me cumprimentar, ele me cumprimenta. Outro dia passa assim sem cumprimentar, ele não cumprimenta [...].”*

Perguntada sobre o que poderia melhorar, ela respondeu à pergunta desta forma:

*“[...] era tratar a gente melhor.”*

Mais adiante, ela diz:

*“A gente sente. Mas também, ninguém quer saber de velho. Ninguém quer saber de idoso mais. Mas eu não estou nem aí. Eu tenho isso comigo, eu e a Terezinha, nós não ligamos muito para isso. É porque nós não vamos lá para servir ninguém [...]. Eu vou lá é pra servir a Deus. Isso é o que eu quero.”*

Dessa forma, a religião, ou os membros da religião, parecem ter assimilado o preconceito contra os idosos da cultura à sua volta. Afinal, “a sociedade determina as lentes pelas quais se vê a velhice” (Loureiro, 2004, p. 47). Não há respostas fáceis para remover o estigma do preconceito. Como acontece com o sexismo e racismo, nós sabemos que não é fácil extirpar os estereótipos negativos. Contudo, é possível uma outra forma de enxergar a velhice e, a Igreja, onde a oportunidade para crescimento mútuo e desenvolvimento e apoio não é apenas encorajado mas ordenado por Cristo, ela precisa aceitar o desafio de dar um gigantesco passo à frente, ao redefinir a velhice como riqueza, fonte de recursos, de aptidões, de talentos e de sabedoria. Como Almeida (1999) nos ensina que, com os avanços científicos, particularmente aqueles realizados no campo da medicina, garantindo um aumento da longevidade, rompe-se cada vez mais no âmbito das ciências e, particularmente da ciência psicológica, com a ideia de velhice como lugar exclusivo de declínio e restrição.

Voltando para o contexto religioso, seria apropriado perguntar: Estão sendo os idosos desafiados a continuarem produtivos? Quando perguntada se a Igreja cobrava dela algum envolvimento maior, a Entrevistada 03 respondeu:

*“Nunca cobrou.”*

A Entrevistada 05 também disse:

*“Eu acho que uma pessoa idosa igual a mim que tem 73 anos, forte, sadia, pode fazer tudo lá dentro da igreja, pode participar de tudo [...]”*

Perguntada se já teve alguma experiência? Ela respondeu:

*“Ainda não. Na Igreja não.”*

E ainda questionada se poderia imaginar em fazer algo para se sentir feliz, ela retornou:

*“Eu acho. Nem que seja para limpar.”*

Estas expressões podem ser um indicador da importância do engajamento no serviço, uma configuração subjetiva da velhice que pode estar relacionada com o senso de ser útil e de um envelhecimento produtivo. Esperar, portanto, desempenho novos e raros por parte das pessoas idosas é uma possibilidade que se pode tornar uma realidade.

### **Considerações Finais**

A premissa norteadora do presente estudo foi a de que a fé religiosa era uma variável importante a ser considerada na ciência gerontológica. À luz desta pressuposição, a pesquisa dedicou-se a entender o fenômeno do envelhecimento sob o prisma da conversão religiosa. Pôde-se depreender do que foi estudado um elenco de três ênfases úteis ao longo do desenvolvimento desta investigação, as quais são sublinhadas a seguir.

Primeira, que é apropriado à ciência gerontológica uma reflexão séria sobre como as pessoas, especialmente as idosas, formam e se comprometem com seus conteúdos de fé.

Segunda, a conversão religiosa pode capacitar o idoso a transcender circunstâncias que não podem ser alteradas, podendo ensinar novas verdades acerca da vida, as quais podem ser entendidas apenas por aqueles que têm experimentado perdas e sofrimento, e, ainda assim, têm sobrevivido.

Terceira, a pessoa idosa ainda preserva seu potencial cognitivo e é totalmente capaz de aprender e apreender novos conceitos e construir novo sistema de crenças e valores.

Finalizando, formulam-se expectativas de que o presente estudo venha a contribuir com a ciência gerontológica, estimulando um maior compromisso com o domínio da espiritualidade como campo de pesquisa e, por conseguinte, com a promoção de melhor qualidade de vida para as pessoas idosas.

## Referências

- Almeida, A.M.O. (1999). A trama da vida: Maturidade e Gênero. *Humanidades: Terceira Idade*, 46, 120-131. Brasília (DF): Ed. UnB.
- Baltes, P. (2002). Theoretical Propositions of Life-Span Developmental Psychology: On the dynamics between growth and decline. *Max Planck Institute for human development*, Berlim, Fev.2002. Recuperado em 13 setembro, 2014, de: <http://www.mpib-berlim.mpg.de/en/institut/dok/full/Baltes/theoreti/index.htm>.
- Erikson, R. (1995). *Late have I loved thee*. New York (EUA): Paulist Press, Inc.
- Fowler, J.W. (1992). *Estágios da Fé. A psicologia do desenvolvimento humano e a busca de sentido*. São Leopoldo (RS): Sinodal.
- Goldstein, L.L. (2003). No comando da própria vida: a importância de crenças e comportamentos de controle para o bem-estar na velhice. In: Neri, A. L. et al. (Orgs.). *E por falar em velhice*. (2ª ed.). Campinas (SP): Papyrus.
- Haguette, T.M.F. (1992). *Metodologias qualitativas na sociologia*. Petrópolis (RJ): Vozes.
- Koenig, H.G. (1994). *Aging and God: spiritual pathway to mental health in midlife and later years*. NY (EUA): The Haworth Press, Inc.
- Koenig, H.G., & Larson, D.B. (1998). Religion and mental health. In: Friedman, H.S. (Ed.). *Encyclopedia of mental health*, 3. San Diego (EUA): Academic Press.
- Loureiro, A.M.L. (2004). O conhecimento científico e a ideologia da “Terceira Idade”; a realidade da diversidade cultural. In: *Terceira Idade: Ideologia, Cultura, amor e morte*. Brasília (DF): Ed. UnB.
- Mondin, B. (1997) *Introdução à filosofia. Problemas, sistemas, autores, obras*. São Paulo (sp): Paulus.
- Sommerhalder, C., & Goldstein, L.L. (2006). O papel da religiosidade e da espiritualidade na vida adulta e na velhice. In: Freitas, E.V.de, Py, L., Cançado, F. A. X., Gorzoni, M.L., & Neri, A.L. (Eds.). (2006). *Tratado de Geriatria e Gerontologia*, 1307-1315. (2ª ed.rev.). Rio de Janeiro (RJ): Guanabara Koogan.
- Valle, E. (2002). Conversão: da noção teórica ao instrumento de pesquisa. *Revista de Estudos da Religião*, 2, 51-73.

Recebido em 19/05/2015

Aceito em 30/06/2015

**Wilson Nunes** – Mestrado em Gerontologia pela Universidade Católica de Brasília, Brasil. Graduação em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás. Docente e ministro religioso da Igreja Cristã Evangélica do Brasil, Brasil.

E-mail: nunesw042@gmail.com

**Vicente Paulo Alves** – Doutorado em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo, Brasil. Professor titular da Universidade Católica de Brasília (UCB), Brasília (DF), Brasil. Mestre em Teologia Dogmática pela Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma (Itália). Graduado em Filosofia pela Universidade Católica de Brasília. Atualmente é Coordenador e Docente do Programa de Pós-Graduação em Gerontologia (Mestrado) da Universidade Católica de Brasília e Coordenador do Curso de Pós-Graduação em Ensino Religioso em Ambiente Virtual na Católica Virtual, no curso de graduação Filosofia em Ambiente Virtual.

E-mail: tutorvicente@ucb.br